JOÃO DAMASCENO VASCONCELOS

Mário Domingues Louzada

Dados biográficos

Edição comemorativa do 10.º aniversário de sua morte — Bela Cruz - Ceará

ÍNDICE

Dedicatória 7

Mário Louzada 9

Prefácio 11

Capítulo I

O Homem

I — Em Acaraú 13

II — Em Bela Cruz 14

Capítulo II

Da sua fé religiosa e da sua caridade 18

Capítulo III

O Esteta 20

Capítulo IV

O Esportista 21

Capítulo V

O Político 22

Capítulo VI

Detalhes sôbre a sua morte 26

Capítulo VII

Homenagens póstumas 27

MÁRIO DOMINGUES LOUZADA

(Dados biográficos)

JOÃO DAMASCENO VASCONCELOS

Mário Domingues Louzada

(Dados biográficos)

Edição comemorativa
Do 10.º aniversário de sua morte

BELA — CRUZ
1971

OBRAS DO MESMO AUTOR:

A Congregação Mariana no Mundo Moderno (Conferência — 1948)
Retalhos de Sonhos — Poesias — 1956
A Sonhar e a Cantar — Poesias 1968.

HOMENAGEM À MEMÓRIA DE

Mário Domingues Louzada

GENTILEZA DO PREFEITO MUNICIPAL
JOSÉ MILTON DE OLIVEIRA
BELA CRUZ — CEARÁ

D E D I C A T Ó R I A :

Ao Exmo. Sr. JOSÉ MÍLTON DE OLIVEIRA,
dinâmico PREFEITO MUNICIPAL DE BELA CRUZ,
a cujo meritório patrocínio foi possível
a publicação dêste modesto opúsculo.

À digna viúva do saudoso extinto
MÁRIO DOMINGUES LOUZADA,
Exma. Sra. Da. MARIA ODETE DA SILVEIRA LOUZADA
e filhos:
José Maria da Silveira Louzada,
Maria Filomena Louzada e
José Mário Louzada.

E, finalmente,
à comunidade belacruzense, a serviço de quem
ardeu e consumiu-se, em holocausto,
a lâmpada de sua existência;

a todos,
com carinho e dedicação,
oferece o

AUTOR

MÁRIO LOUZADA

Faz dez anos que a morte o arrebatou
Do convívio dos vivos para os céus,
Onde foi receber das mãos de Deus,
Justo prêmio do bem que praticou.

Fôra o autêntico líder que deixou,
Com um passado de lutas e troféus,
Um vazio persistente aos passos seus,
Cuja estatura a todos revelou.

Mário, o amigo dos pobres, dos pequenos,
A quem as aflições amenizava
Com gestos caridosos e serenos.

Seu exemplo de trabalho e de civismo,
Bela Cruz o reconhece, e quanto a amava
Com verdadeiro afeto e com altruismo.

J. D. Vasconcelos

PREFÁCIO

Encerra êste modesto opúsculo alguns elementos biográficos, que extraímos dos nossos conhecimentos diretos e pesquisados sôbre a vida e a morte do saudoso conterrâneo — Mário Domingues Louzada.

No objetivo de fazê-lo emergir da penumbra comprometedora que o envolve, para a luz da posteridade, a que faz jus, lançamo-nos à tentativa de esquematizar, com absoluta honestidade, os múltiplos contornos do seu perfil moral e político, expressos em suas ações e atitudes pessoais, para que, tornando-o mais e melhor conhecido, tenha um lugar no coração do nosso povo e receba, a sua memória, o carinho que merece. Êste trabalho faz parte do programa de homenagem, promoção da Prefeitura Municipal, para o 10.º aniversário do seu passamento.

Se não permanecemos à altura do encargo que, expontâneamente, nos propuzemos, consola-nos, todavia, o fato de haver contribuído, na medida das nossas fôrças, para reavivar, na consciência cívica dos belacruzenses, a memória dêsse homem que desempenhou, em dado momento, papel saliente na formação política e histórica desta terra.

Quando um povo não tem o culto dos seus antepassados, entendemo-lo como puramente flutuante no seu processo evolutivo, divorciado da tradição, sem patrimônio histórico e cultural a promover ou simplesmente a defender. Isto é o que poderíamos chamar de características sintomáticas de pobreza cívica.

Apesar de estarmos vivendo uma época de rompimento com o passado, em vários dos seus aspectos, é evidente que não podemos prescindir das lições da história, do exemplo patriótico e edificante dos nossos maiores.

"Os mortos governam os vivos", disse Humberto de Campos, num feliz pronunciamento, ainda válido para os nossos dias.

O que seria da sociedade, se não assentasse as suas bases sôbre a experiência e a sabedoria dos séculos?

Ademais, um povo ou uma cidade que não tivesse uma tradição histórica definida — e aqui ressalte-se, com justiça, o elogiável esfôrço do Sr. Nicodemos Araújo, ao publicar uma obra que merece destaque (1) — situar-se-ia como uma comunidade desivnculada do seu passado, uma efêmera projeção no seio maternal da Pátria. E, como tal, fadada a desaparecer na voragem da morte, sem deixar vestígios na memória das gerações futuras. Porquanto, a afirmação política e cultural de tôda civilização, em qualquer clima ou latitude, apóia-se, sobretudo, nos seus vultos eminentes, nas suas idéias, quer no passado, quer na atualidade, guardadas as justas proporções mesológicas.

São êles, na verdade, os fatôres decisivos, os personagens centrais dêsse drama real e existencialista, vivido por tôdas as gerações humanas, numa sucessão ininterrupta de protagonistas, sob os quais se desenrola, no cenário anguloso do palco da vida, com a marca da liderança pessoal, o tecido variado dos acontecimentos de que é feita a história.

Aliás, tornar redivivos êstes personagens, destacando a sua atuação no tempo e no espaço, é reconstituir-lhes a substância, é revelar a túnica inconsútil que lhes reveste a estrutura. É, finalmente, justificá-la para a posteridade. Em suma, constitui, por isso mesmo, missão patriótica fixar-lhe os verdadeiros pólos humanos.

Eis o que empreendemos fazê-lo, ao abrir, com êste pequeno volume, a galeria biográfica, se assim podemos classificá-lo, dos nossos homens ilustres ceifados pela morte, nêle enfocando a pessoa de Mário Domingues Louzada.

Se o conseguimos, sentimo-nos sobejamente recompensados pelos nossos esforços. Se o não conseguimos, perdoem-nos os leitores. Certo?

Bela Cruz, 19 de dezembro de 1971

JOÃO DAMASCENO VASCONCELOS

---

(1) *BELA CRUZ — De Prédio Rústico a Cidade* — Pub. em 1967.

CAPÍTULO I

O Homem

I

EM ACARAÚ

Nasceu, Mário Domingues Louzada, a 15 de agôsto de 1904, na heráldica cidade de Acaraú, à Rua Santo Antônio, n.º 1276. Descendente da árvore genealógica de uma família ilustrada. Seus pais, porém, eram pobres e chamavam-se: Francisco Domingues Louzada e Maria Araújo Domingues.

Órfão, aos três anos de idade, foi recolhido e amparado por sua tia paterna, Filomena Domingues Louzada.

Teve uma infância normal, como as demais crianças do seu tempo.

Freqüentou a escola pública primária da sua cidade, que funcionava à Rua Cel. Sales, n.º 236, no segundo decênio do atual século, sob a regência da Professôra Da. Antônia, cujo sobrenome ignoramos, conhecida nos meios familiares pelo nome de Totônia.

Nela recebeu a instrução de grau primário, fazendo jus ao certificado de conclusão do 5.º ano, aproximadamente em 1917.

Manifestou, desde cedo, acentuado pendor artístico, notadamente para o desenho e o labirinto. Êste último, aliás, muito apreciado naquêle tempo. Estas duas aptidões constituíram objetos de valiosa colaboração prestada, nas horas vagas, à sua parenta e amiga, Da. Nanã Louzada, que mantinha, àquela época, nessa cidade, um famoso *atelier* de artes e decorações domésticas, de larga aceitação por parte das famílias abastadas.

Às vésperas da festa de Natal, era o Mário, freqüentemente, solicitado pelas famílias ricas e importantes da cidade para instalações e adornos de presépios em suas residências elegantes, em cujo exercício revelava suas raras qualidades de arte e de bom-gôsto.

A ornamentação das ruas e praças da cidade, por ocasiões festivas, tinha em Mário Louzada o seu principal idealizador e arquiteto.

Pertenceu ao aplaudido elenco teatral de Da. Adélia Louzada, conhecida pelas suas excelentes habilidades cênica e dramática nêle se distinguindo como dos melhores atôres, sob a sua direção, auxiliando-a, muitas vêzes, com real eficiência no mister de dirigi-lo.

Tomava parte saliente nas festas promovidas pelo Recreio Dramático Familiar local. Era por todos estimado e apreciadas as suas belas qualidades de espírito e de coração.

Aos quartorze anos de idade, iniciou a sua carreira, no comércio local. Preliminarmente, como auxiliar de vendas da firma comercial, pertencente a Luiz Albuquerque, situada naquela praça.

Em seguida, deixando aquela firma, foi admitido como funcionário do conceituado estabelecimento comercial de Manoel Álvaro Sales, com idênticas atribuições, por êle exercidas na primeira casa de negócios, nela permanecendo por alguns anos, até que, levado por razões particulares, deixou, expontâneamente, de prestar-lhe os seus serviços, demitindo-se da firma.

Môço morigerado e dinâmico, conquistou, desde cedo, a simpatia e a confiança dos homens de negócio.

A esta altura dos acontecimentos, a sólida firma comercial de José de Paula Pessoa já mantinha uma filial em funcionamento nesta cidade de Bela Cruz, a então povoação de Santa Cruz, sob a gerência de Raimundo Albano da Silveira.

Com o afastamento dêste, ocorrido naquêles dias, foi Mário Louzada empossado, pelo seu proprietário, na qualidade de gerente dos negócios daquela sucursal.

II

EM BELA CRUZ

Foi assim que, no mês de junho de 1929, transferiu-se Mário Louzada para esta cidade, onde veio assumir as suas novas funções à frente da filial do seu patrão e amigo, José de Paula Pessoa, a quem dedicou, *ipso facto,* durante tôda a

sua existência, uma sólida e grande amizade, acompanhada de profundo reconhecimento.

Dita sucursal funcionou, a princípio, de modo provisório, no atual n.º 523, da Rua Cel. Duca, nesta cidade. Tempos depois, as suas instalações foram transferidas, definitivamente, para prédio próprio, situado à Rua Nicodemos Araújo, n.º 46.

Aqui entrou com o pé direito, como hoje se costuma dizer na gíria. Prosperou e venceu, tornando-se, anos depois, proprietário da referida filial, agora autônoma, com a denominação de "Casa O MÁRIO". Esta veio a tornar-se uma das maiores e mais populares, sòlidamente instalada nesta região.

A partir daí, então, marcou o início de uma nova e decidida etapa de sua vida, cuja riqueza de conteúdo interessa particularmente à Bela Cruz.

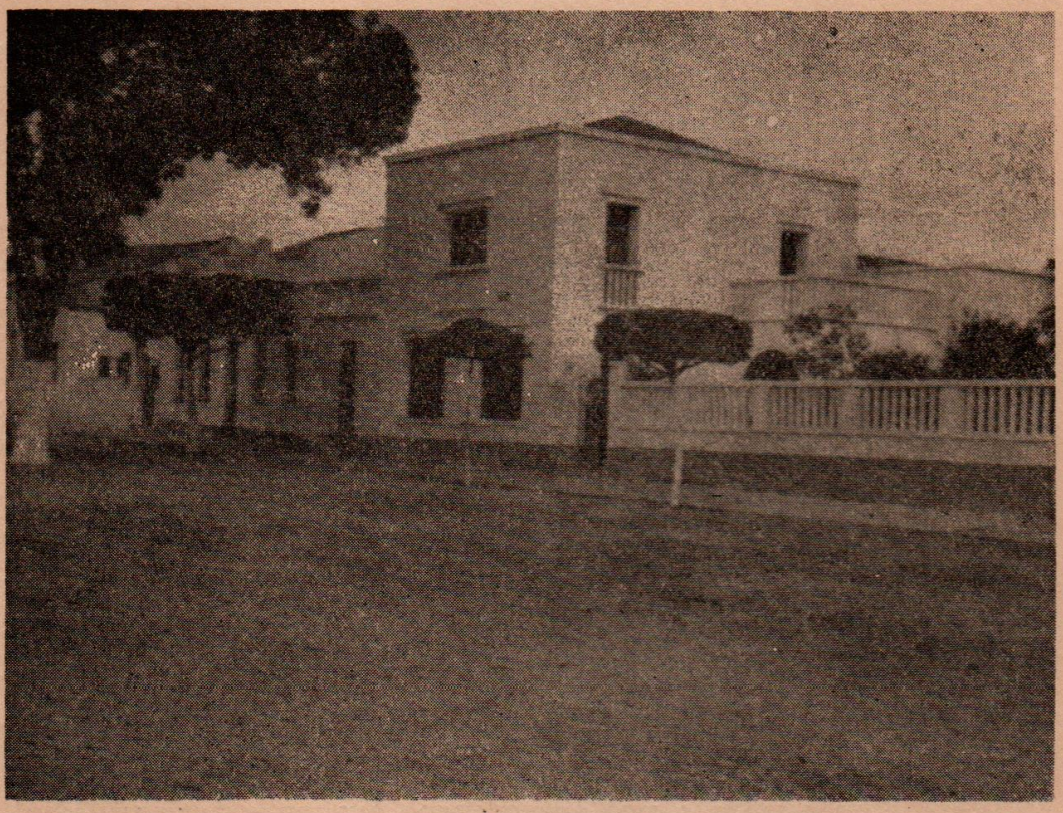
Radicado nesta cidade, de uma vez por tôdas, integrou-se, ràpidamente, no seu processo de afirmação sócio-político-econômica, aí conseguindo imprimir o cunho de sua destacada atuação, durante os anos que vão de junho de 1929 a 19 de dezembro de 1961, data de sua morte.

Aqui contraíu núpcias, a 5 de junho de 1932, com a jovem conterrânea Maria Odete da Silveira, filha do ilustre casal Emílio Fonteles da Silveira e Emília Maria da Silveira, residente nesta cidade. Dêste consórcio matrimonial deixou os seguintes filhos: José Maria da Silveira Louzada, funcionário da Agência dos Correios e Telégrafos desta cidade, Maria Filomena Louzada, professôra diplomada, com exercício no magistério público de Fortaleza, e José Mário Louzada, comerciante local.

Foi bom espôso e pai extremoso. Amava a tranqüilidade do lar, onde sempre se refugiava, quando lhe davam folgas as suas atividades. No seu aconchego, hauria a reserva de fôrças para os novos embates.

Revelou-se, em tôdas as ocasiões, um excelente administrador.

Era dotado de temperamento retraído, por vêzes tímido e desconfiado; outras vêzes, franco e comunicativo. Tinha admirável senso de humor, com eventuais assomos de leves tons de sarcasmo.



Fachada do palacête residencial de Mário Domingues Louzada

Amigo da ordem e da disciplina, não raro abandonava o espírito de tolerância, tantas vêzes manifestado, não tergiversando, como autoridade, em chamar à ordem os faltosos, mesmo com sacrifício das suas amizades pessoais. Dizia sempre que era preciso manter, a todo custo, o princípio da autoridade, para que pudesse haver ordem e disciplina, condições indispensáveis ao progresso de uma terra.

A condição de sucesso está no segrêdo, costumava afirmar. E dava dêsse princípio, êle próprio, o exemplo. Agia sempre em silêncio, com precaução e segurança, objetivando atingir aquelas metas da sua opção, consideradas importantes para o seu comércio, ou no terreno das relações políticas, bem como na solução dos seus problemas de ordem pessoal.

Independente, e, por vêzes, autoritário mesmo, não se dobrava fàcilmente a injunções particulares, deflagrando, não raro, o *nom placet* da sua oposição a certas conveniências circunstanciais, advindo-lhe, em conseqüência, algumas vêzes, decepções e embaraços de intensas repercussões em sua vida.

Um fato curioso, a raiar pelo excêntrico, que não devemos omitir, para dar maior autenticidade ao nosso estudo, consistia em sentir-se bastante contrariado, quando tinha de efetuar pagamento em dia de segunda-feira. Era esta, aliás, a sua modalidade de tributo a certos gêneros de fobia, encontradiços, nas altas classes, como entre os homens simples do povo.

Outrossim, assaltava-lhe, por vêzes, uma sombra passageira de melancolia, que o tornava, nesses instantes, taciturno e neurastênico; não sendo estas ocasiões propícias para se lhe tratar de qualquer assunto.

Excetuando êstes momentos negativos, de rápida duração, em geral era atencioso e delicado, prestativo ao extremo, capaz de rasgos extraordinários de generosidade e compreensão humana.

Embora acaraùense de nascimento, era, de fato, belacruzense de coração. Amava em extremo a Bela Cruz, como se fôra a terra do seu próprio berço. Mais de uma vez pudemos ouvi-lo confessar, sinceramente, que seria capaz de romper com os seus amigos de Acaraú, se o bem de Bela Cruz assim o exigisse. Repetia, com freqüência, que havia contraído, para

com Bela Cruz, uma dívida imensa de gratidão, porquanto o tinha ajudado a triunfar na vida. Nela constituíra família, e era o berço de sua espôsa e filhos. Julgava-se, portanto, no dever de retribuir-lhe, na mesma medida, os favores recebidos, com dedicação e carinho, esforços e sacrifícios em prol de sua grandeza e do seu progresso.

A êste lema foi fiel, dentro das suas limitações humanas, até os últimos instantes de sua vida.

CAPÍTULO II

Da sua fé religiosa e da sua caridade

Esclarecemos, inicialmente, que na elaboração dêste capítulo não pretendemos, de modo algum, julgar o homem e a sua obra à luz das virtudes morais ou religiosas.

Apenas nos limitamos a relatar fatos, a sublinhar atitudes, com absoluto senso de eqüidade.

Sob o aspecto religioso, Mário Louzada professava a fé católica e fazia questão de acentuar o seu amor a Cristo e a N. Senhora. Ouvimo-lo falar, mais de uma vez, com grande unção de espírito, na sua confiança ilimitada na bondade e no poder intercessor da Mãe de Deus e dos homens — Maria Santíssima — a quem dedicava um culto todo especial de filial devotamento.

Com relação às sórdidas acusações ou afrontas pessoais que lhe eram assacadas, com virulência às vêzes, pelos seus desafetos e por aquêles que o desconheciam, jamais se exasperou ou defendeu-se, comportando-se sempre com admirável espírito de superioridade e absoluto autodomínio.

Amigo dos seus amigos, jamais os abandonou nas horas difíceis. Para cada caso particular, para cada um dos seus problemas angustiantes, esforçava-se sempre por arranjar-lhe uma solução adequada.

Ninguém que batesse à sua porta, premido por uma necessidade urgente ou grave, em busca de uma ajuda, jamais voltou de mãos vazias. Além do apoio moral, de indiscutível valor nessas horas cruciais, dava-lhe, igualmente, a cobertura financeira indispensável, e, quando era o caso, um cartão de

recomendação ao amigo prestigioso, ao correligionário revestido do poder.

Sentia uma predileção especial pelos pobres e desamparados. Era esta, aliás, a mais nobre característica de sua personalidade, que, diga-se de passagem, em diversas circunstâncias, foi alvo de contradições, como sóe acontecer àqueles que logram ultrapassar a craveira vulgar.

Os pobres, as viúvas e os desamparados, de qualquer côr ou condição, aquêles sôbre quem a mão do destino desferira, de uma forma ou de outra, os seus pesados golpes, tinham em Mário Louzada o amigo permanente, e, mais do que isto, o protetor assíduo, o Samaritano que lhes pensava as feridas. Nisto foi discípulo do grande Frederico Ozanam, o fundador da benemérita instituição dos Vicentinos.

Independente das obras avulsas de caridade pessoal, por êle praticadas, escolheu a Conferência de São Vicente de Paulo desta cidade, da qual foi presidente, por longos anos, imprimindo-lhe poderoso impulso, como o trampolim da sua obra e do seu apostolado humanitário a favor dos pobres.

Nesta qualidade, não apenas designava comissões de vicentinos, na forma estatutária, incumbidas de visitar os pobres e enfermos, enfim, de examinar-lhes a verdadeira situação de penúria a que se achavam prêsos, levando-lhes o lenitivo de que tanto careciam. Mas, êle próprio, que se fêz acompanhar, não raro, do autor dêstes modestos rabiscos, percorria a pé, quilômetros e mais quilômetros, numa peregrinação realmente confortante, de reconhecimento dos lares das famílias necessitadas de ajuda. Dissimulava, muitas vêzes, no exercício dêsse mister, a sua finalidade, com vistas a surpreender, no segrêdo dêsses lares pobres, as suas necessidades em estado puro, como diria o filósofo, e poupá-los às humilhações de uma vasculhação consciente, no âmago dolorido e envergonhado de sua pobreza. E estas visitas não ficavam improfícuas. Recebiam êles, com efeito, no momento oportuno, os socorros reclamados pelas suas verdadeiras necessidades.

Ninguém que enfermasse em condições precárias de indigência, nas áreas urbanas e suburbanas desta cidade, atingindo às vêzes mesmo as zonas rurais mais próximas, que lhe chegasse ao conhecimento, que não experimentasse o con-

fôrto moral de sua visita pessoal e o recurso substancial de suas esmolas, concretizadas em remédios e alimentos.

Dentro do seu programa de assistência aos pobres, fundou lactários, postos de puericultura, em convênio com a L.B.A., para distribuição de leite em pó, vitaminas e outros alimentos de excelente valor nutritivo às crianças e às gestantes necessitadas. Aqui funcionaram estas instituições, por largo tempo, proporcionando-lhes vasta soma de benefícios.

Mais de uma vez promoveu o Natal dos pobres, constituindo um espetáculo bonito e edificante de caridade cristã, mesmo porque introduzia nos lares dos nossos irmãos infortunados um pouco de alegria e de confôrto na mais linda noite da cristandade.

Ainda hoje é comum ouvir-se, entre os seus contemporâneos saudosos, lábios pobres que lamentam a sua perda irreparável.

CAPÍTULO III

O Esteta

Tinha, Mário Louzada, acentuada afeição às aves e às plantas. Era uma das dimensões de sua personalidade. Por isso mesmo, mantinha e cultuava um aviário e um jardim, anexos à sua residência de dois andares, a mais luxuosa e confortável da cidade, no seu tempo, cuja variedade de espécimes raras, constituía as suas delícias e a admiração dos seus ilustres visitantes. Nisto, revelava-se, igualmente, a delicadeza do seu caráter sensível e amante da natureza .

Apreciava, de um modo especial, as artes plásticas, a pintura e o desenho arquitetônico e paisagístico, no que admirava o nosso talentoso conterrâneo João Venceslau Araújo.

Era o organizador insuperável de festas monumentais, quer cívicas ou elegantes. Elas tornavam-se, em regra, memoráveis, pelo seu brilhantismo, onde predominavam a ordem, o respeito e o bom-gôsto, tudo providenciando a tempo para que nada faltasse ao bem-estar dos convivas.

Revelava-se, outrossim, o clássico por excelência de encenações dramáticas e pastoris. Conduzindo, com maestria

invejável, o seu elenco eventual, sabia armar, no seu contexto representativo, efeitos surpreendentes, pelo jôgo de cenas e combinações de luzes. Na sua individualidade, conciliavam-se, admiràvelmente, o homem romântico, com as suas tendências estéticas, e o homem de negócio, o político militantè, o calculista frio, e de senso necessàriamente pragmático, haurido em contacto com a rude experiência da vida e das cousas.

CAPÍTULO IV

O Esportista

Espírito esportivo e empreendedor, fomentou e promoveu o futebol belacruzense, nos seus primórdios incipentes, proporcionando-lhe, todavia, um período áureo de sua história, nos idos de 1936 a 1940, quando mantinha prélios amistosos com as aguerridas escretes de Acaraú e Massapê, e onde já se afirmavam as qualidades positivas dos nossos jogadores. Santos Dumont e Vera-Cruz, denominavam-se os dois primeiros times, sob a sua direção, e dispunham, por sinal, de momoderno equipamento esportivo.

Por essa época, atraiu azes do futebol regional, para refôrço dos seus plantéis, como Valdemar Eleutério, de Massapê, e Vicente Dedé, de Acaraú, e outros que aqui fixaram residência, por algum tempo, dando vida e calor ao nosso futebol. Êles constituíram, para nós, crianças daquêle tempo, e, igualmente, para muitos adultos fixionados pelo "esporte das multidões", verdadeiros ídolos do nosso gramado, nas ensolaradas tardes domingueiras.

Recordamos, ainda, com saudade e com carinho, (por que não dizê-lo?) aquêles bons tempos que não voltam mais.

Foi ainda, Mário Louzada, o precursor, em terras belacruzenses, dos modernos meios de comunicações humanas. Aqui introduziu o primeiro rádio e a primeira amplificadora — possante conjunto de três alto-falantes, e uma discoteca fabulosa, para o tempo, constituída de mais de 1 000 unidades em gravações dos nossos principais artistas e cantores.

Em síntese, servindo para os demais capítulos desta obra, tinha Mário Louzada algo daquêle temperamento empreen-

dedor e perdulário, no bom sentido, que o nosso Humberto de Campos atribuíu ao Intendente Antônio Lemos, da capital Paràense, cuja prodigalidade, leva-o a compará-lo, numa de suas originais crônicas, a Calígula, conhecido Imperador Romano, improvisando uma Via Ápia sôbre as ondas, para um mero passeio, de Baía a Puzzoles.

Para o seu tempo e as circunstâncias do meio em que viveu, era o que poderíamos chamar, hoje, um espírito avançado, que, transcendendo o ambiente, criava-lhe um *status* de fina elegância social e apurado gôsto estético.

CAPÍTULO V

O Político

Nas condições acima descritas, é fácil aquilatar, como decorrência lógica, a simpática acolhida que desfrutava o Mário, junto às classes populares, da cidade e do interior do Município. Tornara-se, com o tempo, o líder autêntico e incontestável, nas esferas políticas de Bela Cruz.

Nesta qualidade, militou desde o princípio, na organização partidária chefiada, na área municipal, pelas tradicionais famílas Albano da Silveira e Louzada Gonçalves. E, na órbita do Estado, pelos Távoras, ilustre *pedigree* de larga atuação política no Ceará, e, quiçá, fora dêle, sob as denominações sucessivas de Partido Social Democrático (PSD) e União Democrática Nacional (UDN).

A sua residência suntuosa, principalmente para a época, sita à Rua João Albano, n.º 40, tornara-se a meca dos políticos do seu tempo, que por aqui passavam, nas suas peregrinações ao *hinterland* cearense, fazendo proselitismo, ou atendendo a convites especias, ou ainda, em cumprimento de missão oficial.

Governadores, Deputados e Senadores, como Faustino de Albuquerque, Paulo Sarasate, Fernandes Távora, Virgílio Távora e tantos outros, com quem privava da amizade pessoal, ali tiveram hospedagem aristocrática, assistidos pela natural urbanidade do seu proprietário.

Porém, não sòmente os políticos, mas também outras autoridades e pessoas gradas, e de esferas diferentes, eram ali recepcionados e hospedados, como ocorreu por ocasião da festa de instalação da Paróquia e posse do seu primeiro Vigário, Revmo. Pe. Odécio Loiola Sampaio, pelo saudoso Antístite, D. José Tupinambá da Frota, Bispo de Sobral, realizados nos dias 10 e 11 do mês de janeiro de 1942.

Os trechos que se seguem, extraídos da reportagem que publicou o *Correio da Semana*, da cidade de Sobral, sôbre o acontecimento, edição do dia 16 do mesmo mês, são bastante elucidativos: — "À entrada de Bela Cruz, até a casa do Cel. Mário Louzada, onde se hospedou S. Excia. Revma., estavam caprichosamente ornamentadas as ruas." Em outro local da mesma reportagem, lê-se ainda: — "À chegada ao luxuoso palacete do Cel. Mário Louzada..." Não é preciso acrescentar mais, para ilustração do que afirmamos.

No que pêse aos seus adversários, a sua liderança política permaneceu intacta, até a morte. E a lacuna de sua ausência até hoje se faz sentir no cenário político local.

Foi subprefeito do então distrito de Bela Cruz, duas vêzes, nos períodos de 17 de março de 1947 a 27 de fevereiro de 1951, e, ainda, de 26 de março de 1955 a 2 de setembro de 1957, correspondentes às administrações municipais dos Prefeitos Manoel Duca da Silveira e Geraldo Benoni Gomes da Silveira, êste último sob cuja adminisração foi criado o Município de Bela Cruz.

A sua administração à frente da Subprefeitura, sempre caracterizou-se pela operosidade, ordem, asseio e disciplina.

Entre as obras públicas, de maior vulto, por êle realizadas, figuram a construção do atual matadouro modêlo, efetuada no ano de 1950, e a reconstrução do mercado público local, no ano de 1955. Podem-se citar ainda, entre outras, a edificação de uma escola típica rural, em 1948, e um campo de pouso, no ano de 1949. Foi êste último, por sinal, reconhecido pelo Ministério da Aeronáutica, e que tanto serviço já tem prestado à comunidade belacruzense.

No período da escola típica rural, após a anexação de mais dois salões de aulas, funcionam hoje as Escolas Reuni-

das do bairro de Chapadinha, nesta cidade, incrementando a instrução pública de nossa terra.

Estas obras de reconhecido mérito, principalmente considerando-se a exigüidade de recursos orçamentários disponíveis naquêles tempos distantes, representam, realmente, inestimáveis conquistas para nós.

Por ocasião da criação do Município, ocorrida a 23 de fevereiro de 1957, a sua atuação foi inexcedível. Quer influenciando as autoridades, das quais dependia levá-la a bom têrmo, quer na organização dos meios necessários a atingir o seu objetivo, foi o lutador pela idéia que se converteu em esplêndida realidade.

Espírito organizado e metódico, os seus empreendimentos, baseados, suficientemente, em elementos reais e concretos, eram, quase sempre, coroados de êxito. Daí por que as suas iniciativas repercutiam favoràvelmente, atraindo a confiança dos seus liderados. Êle era dêsses homens que sabem o que querem. Quando se decidia por uma causa, ou impunha-se uma meta, sabia escolher e utilizar-se dos meios aptos a atingi-la.

A 15 de novembro de 1958, foi eleito primeiro Prefeito Municipal de Bela Cruz, na qualidade de candidato único das fôrças políticas militantes no Município. A 25 de março de 1959, assumiu as rédeas do Govêrno da nova unidade político-administrativa.

À falta de sede própria, adaptou e mobiliou, convenientemente, os prédios onde passaram a funcionar os podêres executivo e legislativo do Município recém-instalado. Devemos acrescentar que ambos os prédios eram de sua propriedade e ficavam situados à Rua Humaitá, nesta cidade.

Adquiriu e instalou um grupo gerador termelétrico, a óleo diesel, de 54 KWA, a 21 de dezembro de 1960, realizando uma velha aspiração do povo. Êste grupo gerador prestou os seus serviços na iluminação pública e particular da cidade, desde a sua inauguração, até o advento da energia hidrelétrica do Araras, e, posteriormente, de Paulo Afonso, inaugurados, respectivamente, a 25 de março de 1967 e 13 de dezembro do mesmo ano. O aludido grupo gerador foi instalado em prédio próprio, por êle edificado, à Rua Prof. Nicácio, s/n, atualmente convertido em Casa de Detenção.

Construiu uma Avenida, na parte oriental da Praça Marechal Deodoro, hoje Praça Mário Louzada, a que denominou de Avenida Cel. Duca, e foi entregue ao público belacruzense, simultâneamente, com a inauguração do grupo gerador de energia termelétrica, acima aludido.

Restaurou a bancada da avenida situada à Praça 23 de Fevereiro, nesta cidade, danificada pelos atos de vandalismo dos inescrupulosos e inimigos do povo, o que ainda hoje vem, lamentàvelmente, ocorrendo.

Assinou convênio com a Secretaria de Saúde do Estado, ao tempo em que era titular daquêle órgão o ilustre acaraùense, Dr. Nélson de Andrade Sales, visando a instalação de uma unidade sanitária nesta cidade, cujos bons serviços ainda continua a prestar, na sua obra assistencial, à população pobre do Município, muito embora haja sido melhorado e ampliado, posteriormente, na sua capacidade de atendimento, nas gestões dos Prefeitos que lhe sucederam na curul administrativa, mediante a renovação convenial com aquela Secretaria do Estado.

Estas e tantas outras obras de menor vulto, como a abertura e conservação de estradas, a melhoria do ensino público primário do Município, pela dilatação da rêde do sistema escolar, foram por êle realizadas, nomeando dezenas de professôras e criando novas escolas. Aqui deixamos de registrá-las em detalhes, a fim de não prolongar demasiado êste trabalho.

Não logrou, todavia, infelizmente, concluir o seu profícuo mandato. A morte veio, traiçoeiramente, arrebatá-lo ao convívio dos seus, a 19 de dezembro de 1961, cortando-lhe o fio da existência entregue a plena atividade, e, com êste, o plano de realizações à frente da municipalidade.

Entre outras cousas, estava incluída na sua agenda a construção do edifício dos três podêres, cujas dependências, destinadas ao Poder Judiciário, pretendia colocar à disposição do Govêrno do Estado e do Presidente do Tribunal de Justiça, tão logo concluísse, oferecendo-lhes, assim, condições propícias à criação de uma Comarca neste Município como uma das metas prioritárias a alcançar no seu govêrno. Quem sabe, êste plano, uma vez realizado, não teria surtido o desejado efeito?

CAPÍTULO VI

Detalhes sôbre a sua morte

O seu estado de saúde, há muito, reclamava cuidados que eram por êle negligenciados, no afã constante de suas atividades públicas e particulares. As crises de *angina-pectoris,* tornavam-se freqüentes, às quais êle respondia com uma vida cada vez mais intensa e laboriosa.

Era 18 de dezembro de 1961. Às 5 1/2 horas da manhã, precisamente, como passageiro do ônibus da Emprêsa Redenção, viajou a Fortaleza. Na Capital do Estado, fôra tratar de assuntos ligados aos interêsses da sua firma comercial e da edilidade municipal que dirigia.

Após um dia exaustivo de tensão, trabalhos e canseiras, recolheu-se à noite, do dia 19, na casa residencial de n.º 182, situada na Rua Raimundo Arruda, no bairro de São Gerardo, em Fortaleza, onde pretendia pernoitar, retornando no dia seguinte a esta cidade.

No objetivo de prestar maiores esclarecimentos, devemos acrescentar que dita casa era alugada e servia de residência temporária à sua família durante os períodos de aulas dos estabelecimentos de ensino da Capital cearense, onde estudavam os seus filhos.

Naquele dia, a casa achava-se fechada, porquanto era tempo de férias, e a sua família encontrava-se em Bela Cruz. A ela recolheu-se, sòzinho, para o repouso noturno.

Como fôsse, porém, cedo ainda, aproximadamente 21 horas, sentou-se na calçada, em sua poltrona preferida. Enquanto confabulava com os vizinhos, sentiu-se mal de saúde, comunicando o fato aos presentes que logo providenciaram a vinda de um médico para atendê-lo. Angustiado, porém, ergueu-se súbito, naquele momento, de sua poltrona. Mas, não resistindo ao violento impacto do seu estado patológico, caíu fulminado, naquele mesmo instante. À chegada do médico, minutos depois, já se havia registrado o óbito. Êste, após examiná-lo detidamente, atestou enfarte, como *causa mortis.*

Correu célere a dolorosa notícia de sua morte, atraindo àquela casa parentes e amigos do falecido, que vinham, cons-

ternados, visitá-lo, e tomaram as necessárias providências para o transportar à Bela Cruz.

Conduzido a esta cidade, em carro especial, aqui foi recebido, no dia seguinte, às 7 horas. O seu corpo foi expôsto, em câmara ardente, no salão de espera de sua própria residência, nesta cidade, onde recebeu as últimas homenagens dos seus amigos e admiradores.

Às dez horas, foi oficiada na Matriz desta Paróquia, pelo Revmo. Vigário, Pe. Odécio Loiola Sampaio, a Missa de Funeral, pelo descanso de sua alma.

Às dezessete horas, precisamente, em meio à consternação geral, desceu ao túmulo da família, no cemitério local, onde repousa. Aos seus funerais, compareceu incomputável multidão de pessoas, procedente dêste, e de outros municípios e cidades circunvizinhas, que lhe acompanhou o féretro à última morada.

A sua morte inesperada abalou profundamente tôda a cidade e o Município inteiro, onde contava inúmeros amigos e beneficiados, registrando-se até mesmo casos fatais, em conseqüência de fortes comoções cardíacas, dela decorrentes.

A Câmara Municipal reuniu-se às pressas, em caráter extraordinário, decretando luto oficial de três dias para todo o Município, pelo infausto passamento do querido chefe.

CAPÍTULO VII

Homenagens póstumas

Em homenagem ao ilustre falecido, posteriormente, através da Lei Municipal de n.º 50, de 9 de abril de 1962, foi denominada de Praça Mário Louzada a então Praça Marechal Deodoro, bem no coração da cidade.

Porém, causa-nos espécie o fato de que, até o presente, ainda não tivessem sido substituídas as respectivas placas denominativas da Praça.

Sòmente o atual Prefeito, Sr. José Milton de Oliveira, após 10 anos decorridos, num louvável ato de justiça e reparação, não sòmente inaugurou, em data de hoje, a Praça Mário Louzada, erigindo-lhe um monumento comemorativo desta

data, em sua homenagem, mas, ainda, a emplacou devidamente em função de sua atual e legítima denominação.

Esta data ficará marcando, no calendário histórico de Bela Cruz, o evento da equidade, consubstanciado na glorificação de um homem cujos méritos reais foram afinal reconhecidos pelo povo belacruzense. Porquanto, dos seus 57 anos de existência, 32 viveu-os aqui em Bela Cruz, de uma vida intensa e fecunda, contribuindo com valiosa parcela para o progresso e a grandeza desta terra, que tem agora a honra de lhe guardar as cinzas e o nome.